

UM PERMANENTE DESAFIO CHAMADO JAPÃO



pp. 6 e 7

Para um ocidental e um cristão, o Japão é um permanente desafio e interpelação. Quem o diz é Domingos Salgado de Sousa, missionário no Japão há 30 anos.

Como ser testemunha de Jesus Cristo naquele país, onde o cristianismo é uma pequena minoria?

p. 5



p. 3

GRUPO DIÁLOGOS EM ALMODÔVAR

O entusiasmo ocupava um enorme espaço na bagagem dos membros do grupo Diálogos que, em agosto, viveram a missão em Almodôvar. À chegada, esperava-os um banho de alegria.

p. 4

MaZ EM PORTUGAL

Marlene Blaha, de nacionalidade alemã, viveu *experiências inesquecíveis* em Portugal. Casal de Cambra, bem perto de Lisboa, foi o bairro que a acolheu durante nove meses.

p. 8

UJÖP DA OIES A LINGUAGEM DO AMOR

A vida do Santo de Oies foi apresentada num espetáculo musical por atores da região onde nasceu José Freinademetz. Foi aquela terra que o viu deixar tudo por amor a Deus e aos chineses.

PENSAMENTO

STO. ARNALDO JANSSEN

Que o nosso coração seja como um altar de onde sobe a ação de graças a Deus.

APRENDER A MORRER



JOSÉ MARIA CARDOSO
Superior Provincial

Timothy Radcliffe, em *A ARTE DE VIVER EM DEUS*, diz que nós, discípulos, “estamos para sempre no início do que significa estar vivo em Deus. Amadurecemos humanamente atravessando crise após crise: nascimento, desmame, puberdade, saída de casa, dedicação e compromisso com outra pessoa, crise da meia-idade e, por último, a morte. Tornar-se vivo com a graça de Deus implica momentos críticos semelhantes, à medida que a plenitude da vida se desdobra dentro de nós”.

Parece que a arte de viver não é outra coisa senão a arte de aprender a morrer para que a vida cresça. O magnífico filme *EU, LEONARDO*, de Jesus Garces Lambert, retrata bem a angústia de Leonardo da Vinci quando Francisco I, rei da França, o convida para ir trabalhar na corte francesa. Em Itália, brilhavam novos talentos como Rafael e Miguel Ângelo. O grande visionário, sentindo-se abandonado pela sua terra que já não o solicitava tanto, pelas suas forças já debilitadas (estava com 64 anos e viria a morrer em Amboise, França, com 67), e até pelos amigos (o seu grande amigo Salai, modelo de algumas pinturas como o São João Batista, troca o Mestre pela Roma boémia), decide partir, levando apenas três quadros: Santa Ana, São João Batista e Mona Lisa. E é neste contexto de despojamento e abandono, que afirma: “Quando pensava que tinha aprendido a viver, dou-me conta que tenho de aprender a morrer”.

Tinha razão Leonardo. Nunca acabamos de aprender a viver. Há sempre mais uma morte a ser aprendida, para que cada crise e cada recomeço, seja um caminho para a plenitude da vida que se vai, dia após dia, desdobrando dentro de nós. •

AS VIDAS da minha vida

J. Jesus AMARO



FAMÍLIA: todos temos uma...

Uma das realidades sociológicas mais importantes, em que os humanos têm de se organizar, é a família. E para tal, basta ver os programas de televisão que nos são oferecidos diariamente pelos diversos canais, públicos ou privados. Nas entrevistas dos campeões desportivos lá vem realçado o papel da família e o apoio que ela deu e teve nas vitórias, independentemente do desporto que for. No mundo das artes, acontece o mesmo. É comum ouvir-se “sem o apoio da minha família, não teria sido possível chegar a este nível”. Todos temos ou tivemos as nossas famílias. E o papel delas, todos o recordamos.

Como já falei neste meu espaço – as vidas da minha vida – da minha mãe, Deolinda e do meu pai, Álvaro; quero “hoje” falar dos meus irmãos: Arsénio, André, Manuel, Teresa e Hermínio.

O Arsénio é o mais velho e foi buscar o nome à Beira Alta (Gagos). É

uma pessoa boa e muito solidário, sobretudo no seu campo de trabalho. Gosto dele: da sua calma, do seu sentido de humor. Por vezes, é um bocadinho ríspido com os mais próximos. O André tem um temperamento um pouco complicado que herdou do nosso avô paterno. Fala alto, por vezes muito alto e o seu discurso é, por vezes, difícil de decodificar.

A seguir, em idade, vem o Manuel. Tem dois filhos: o Nataniel e o David. Não lhe tem sido fácil a tarefa de os educar, mas, juntamente com a sua esposa, Silvina, têm procurado levar esta tarefa a bom porto. É boa pessoa e excelente trabalhador.



Foto: Internet

A família é tudo.

A seguir veio a nossa irmã Teresa: boa, bem disposta, com grande capacidade de ajudar. Gosto muito dela e da sua alegria transparente e transbordante. A sua juventude deixou-lhe algumas memórias que, por vezes, ainda a apoquentam.

Para completar o rebanho dos “Amaros”, chegou o Hermínio que num primeiro momento, pensei chamar-se Arménio, devido à caligrafia do Arsénio. É provavelmente o melhor de todos nós, se é que se pode falar assim. Bem disposto, solidário, trabalhador, gorducho. Gosto dele e da sua maneira de ser. A sua voz grave e calma encanta-me e gosto de o encontrar e de estar com ele.

São estes os meus irmãos. É esta a minha família mais próxima. A nossa mãe Deolinda, devido à idade (99 anos), já perdeu algumas faculdades: audição, visão e articulação das palavras, o que dificulta muito a comunicação com ela. Mas é a nossa mãe... •

O REGADOR DA PAZ

JOSÉ M. TEIXEIRA

RECOMEÇAR

Existe uma menina chamada Ana Maria Recomeçar; tem sete anos, cabelos louros e na sua camisola preferida, exibe um sol bordado. Ana e a família mudaram-se para uma nova cidade e ela começou logo a sentir saudades do seu antigo quarto, porque da janela, podia ver o mar, árvores com ninhos e um parque com escorregas, passadiços, baloiços e uma montanha-russa. Além disso, sentia falta dos amigos: de Laura, Marta, da avó Constança e do avô Beta.

Os pais decidiram mudar de cidade e de casa, porque Ana teve problemas na escola; foi vítima de bullying. Felizmente, encontraram uma escola melhor e mais segura, onde a filha podia recomeçar e ser feliz sem medos. Para tudo correr bem, Ana e os pais pediram ajuda a Deus. Pediram também o fim das guerras no mundo, porque elas matam e destroem; e as pessoas que morrem, sobretudo as crianças, já não podem recomeçar a viver e tentar encontrar a felicidade no dia-a-dia. Isso é inaceitável. Ana Maria gosta muito do seu apelido “Recomeçar”, porque sugere que estará sempre no caminho a andar, a saborear uma pausa, a recomeçar ou a repetir um desenho, a tentar ser feliz; quer dizer, todos os dias pode e deve crescer e melhorar qualquer coisa, que precisa de aperfeiçoamento. •



José Manuel Teixeira e os seus alunos mais pequenos

INTENÇÕES DO PAPA

Outubro

Rezemos para que a Igreja, fiel ao Evangelho e corajosa no anúncio, seja um lugar de solidariedade, de fraternidade e de acolhimento, vivendo cada vez mais a sinodalidade.

Novembro

Rezemos para que as crianças que sofrem – as que vivem na rua, as vítimas das guerras, os órfãos – possam ter acesso à educação e possam redescobrir o afeto de uma família.

MISSÃO POR CÃ

CHARLIE BARDAJE, COORDENADOR DE MISSÃO POR CÃ

GRUPO DIÁLOGOS EM ALMODÔVAR



Cinco elementos do *Grupo Diálogos*, provenientes de Guimarães, chegámos a Almodôvar no dia 15 de agosto, prontos para abraçar mais uma Missão. Íamos entusiasmados, depois de dois anos de interrupção deste projeto missionário, devido à pandemia. Fomos recebidos com muita alegria.

Visitámos vários montes (casas isoladas) ao longo da semana. As situações encontradas foram-nos tocando o coração. Entre estas, foi marcante o encontro com uma senhora viúva, de idade avançada. Vive sozinha, mas não quer sair do monte. Como a tecnologia pode facilitar, está ligada a uma rede, para pedir ajuda às autoridades, quando necessário.

Falámos também com um casal, cujo filho tinha falecido há pouco. A dor era ainda muito forte. Foi difícil a nossa despedida.

Percorremos os montes, falando com as pessoas que encontrávamos pelo caminho. Perdíamos-nos com as suas histórias... Quando explicávamos quem éramos, na despedida, as palavras eram as mesmas: "venham mais vezes, não estejam tanto tempo sem aparecer!"

Outras maneiras de presença foram surgindo. Pudémos ajudar no transporte dos sacos do Banco Alimentar para a Junta de freguesia de S. Barnabé. Ali se encontravam outras pessoas para a distribuição destes alimentos. Colaborámos com elas na sua distribuição pelas casas das famílias mais necessitadas. Parámos mais tempo, para alguns momentos de conversa com uma senhora viúva, que vive com o filho, portador de deficiência. As dificuldades desta mãe para acompanhar o filho são bastante grandes.



Testemunhos

Desta experiência, retiro a urgência da caridade. Assim como Deus nos amou com um amor gratuito, também nós o devemos fazer.

Francisco Bairrinho

Na minha memória, ficaram gravados os rostos dos que sofrem, dos que lutam e dos que amam. Os que sofrem, porque partiu o ente querido, a doença os consome ou estão abandonados. Os que lutam porque, apesar de todas as adversidades e perdas, continuam a superar desafios. Os que amam, porque nos acolheram e guiaram.

Pedro Pinto

Com este projeto, percebi a importância de dar o meu tempo, estar de coração aberto para uma palavra amiga, dar carinho e atenção. É sempre uma experiência gratificante sentir que recebo tanto e muitas vezes dou tão pouco.

Cristina Gonçalves

O que mais nos marcou foi conhecer um senhor que ficou viúvo aos 34 anos, com três filhos para criar e, mesmo assim, tinha sempre um sorriso no rosto.

Sílvia e Adérito Guimarães

Saímos também pela vila de Almodôvar, ao encontro das pessoas que estavam na Praça. Ficavam contentes por saberem que estavam ali jovens, para falarem com elas. Recordavam nomes de sacerdotes que ali tinham trabalhado.

É inesquecível o encontro que tivemos com uma jovem com esclerose múltipla. Tem um sorriso constante e é exemplo de superação. O seu lema é: "hoje estou melhor do que ontem".

Em visita ao *Projeto CLDS 4G Altamente Almodôvar*, pudémos conhecer algumas histórias de Almodôvar. Há tradições que foram desaparecendo, mas há hoje esforços para as recuperar. Ajudar a população, em especial as pessoas mais isoladas, é um elemento característico deste projeto.

Caminhando, fomos visitar um casal muito conhecido na região. O homem, debilitado pela doença, tinha dificuldades para ir à Missa, mas, com a ajuda da esposa, lá conseguia. A esposa referiu que há muito tempo não via o marido tão bem-disposto como naquela tarde! Ficamos felizes por conseguir dar um pouco de vida e cor àqueles dias cinzentos deste casal.

Passámos ainda pelo Lar da Santa Casa da Misericórdia, para fazer uma visita. Não foi possível entrar mas, pelo menos, pudémos saudar as pessoas a partir do exterior.

No final do dia, a oração partilhada era um momento fundamental da jornada. Outros momentos marcantes foram ainda, a adoração ao Santíssimo e a Via Sacra.

Agradecemos ao Presidente da Câmara Municipal e da Junta de Freguesia, que nos apoiaram no transporte entre Lisboa e Almodôvar. Os nossos agradecimentos também, à comunidade paroquial, nas pessoas dos Padres Pradeep Kullu e Jomy John.

Grupo do Voluntariado



MISSÃO POR CÃ

MaZ EM PORTUGAL - LISBOA



Trabalhar, rezar e viver em conjunto. Este foi o lema dos últimos nove meses da minha estadia em Portugal. Sou Marlene Blaha, tenho 20 anos e vivi como MaZ em Lisboa. MaZ é um termo alemão, que significa "Missionarin auf Zeit".

Em português quer dizer "Missionária por algum tempo". Esta missão acontece fora do país de origem, durante um ano aproximadamente. É um voluntariado organizado pela Congregação das Missionárias Servas do Espírito Santo. Podem participar jovens que já tenham terminado a educação escolar.

O meu voluntariado foi no Centro Social da paróquia de São Nicolau em Lisboa e na paróquia de Santa Marta, em Casal de Cambra. Lembro-me bem da minha chegada a Portugal. Logo me senti acolhida em Casal de Cambra, perto de Lisboa. Quando participei na missa pela primeira vez, uma

senhora disse-me: "Bem-vinda, querida. Aqui, nós somos família". Hoje sei que ela tinha razão. Casal de Cambra é um bairro muito internacional. Há famílias que vêm de Angola, Moçambique, Cabo Verde ou da Guiné-Bissau. As Irmãs são de Timor e da Indonésia e eu tenho origem alemã.

Gostei muito da catequese com as crianças. Elas ensinam-nos a ver o mundo com outro olhar. O tra-



balho no Centro Social foi exemplo de colaboração de pessoas de origens diferentes. Escutei histórias sobre a cultura portuguesa, africana e indonésia. Antes de chegar a Portugal não imaginava que fosse conhecer várias culturas num só país.

O trabalho no Centro Social em São Nicolau é bem mais que preparar comida. Agora, dou mais valor a certas coisas e agradeço a Deus em cada dia. Além disso, aprendi também novas maneiras de praticar a minha fé.

A minha relação com as Irmãs foi muito boa. Elas acolheram-me e levaram-me a participar nas suas atividades. Foram um exemplo para mim.

No tempo livre, pude conhecer um pouco de Portugal e da sua cultura. Que bonito poder entender Lisboa como *cidade da luz* e saborear um bom café com um pastel de nata!

Vivi experiências inesquecíveis. Foram nove meses cheios de aprendizagem e de crescimento. Levo tudo no meu coração, especialmente as pessoas que aqui conheci! Muito obrigada a todas as pessoas que possibilitaram este meu "MaZ em Portugal".

Marlene Blaha

PARÓQUIA DA SERRA DE SANTO ANTÓNIO CELEBRA 100 ANOS

A 19 de agosto de 1922, Dom José Álvés Correia da Silva, primeiro bispo da restaurada diocese de Leiria, decretou a criação da paróquia da Serra de Santo António (pertencia à paróquia de Minde). O mesmo decreto foi lido nas comemorações feitas nos dias 19 e 21 de agosto de 2022, no âmbito da celebração do centenário da criação da paróquia.

As comemorações tiveram início nos começos deste ano, com atividades programadas para cada mês. O objetivo era preparar a comunidade para esta grande celebração. Assim foram surgindo atividades, tais como: cantar as janeiras, retiro quaresmal com o tema *gratidão e missão*, peregrinação comunitária a Fátima, festa em honra de Santo António...

No dia do centenário, 19 de agosto, às 20h30, a comunidade fez uma romagem ao cemitério em homenagem aos beneméritos da paróquia. Seguiu-se um momento musical na igreja com o Grupo Coral da Paróquia da Serra de Santo António e o grupo Eucaristus.

No dia 21, domingo, às 14h30, Dom Serafim de Sousa Ferreira e Silva, bispo emérito de Leiria-Fátima, presidiu à Missa, sendo concelebrada pelo P. Jorge Guarda, Vigário-geral da diocese, P. José Maria Cardoso, Superior provincial dos Missionários do Verbo Divino, P. José Alves, Vigário da vara de Porto de Mós, P. Sebastian Joseph e P. Charlie Bardaje, Párcos, e outros sacerdotes que passaram e trabalharam nesta paróquia. Depois da Missa, houve o desceramento da placa comemorativa, seguida de sessão solene no salão paroquial, onde as autoridades civis e eclesíásticas prestaram homenagem e desafiaram a comunidade a viver a missão como comunidade cristã.

As comemorações continuam até ao fim de 2022. Desde já, a paróquia agradece a todos os seus colaboradores e benfeitores e a todos os que celebraram connosco este centenário com gratidão a Deus. Muito obrigado.

Charlie Bardaje



CATEQUISTAS DE MINDE PUBLICAM LIVRO

Em 2020, na catequese do Covão do Coelho, preparando os jovens para as jornadas mundiais da juventude, explicando os símbolos, a Cruz e o Ícone de Santa Maria Salus Populi Romani, foi-lhes pedido que investigassem acerca dos padroeiros das suas terras. Esses trabalhos, juntamente com um projeto "Say Yes", no qual fizeram um folheto/roteiro para uma peregrinação de Alcanena a Fátima, deram origem a um livro.

O livro *A Mãe Igreja na Serra de Aire* fala do património serrano e religioso, das origens históricas, culturais e tradições que abrangem as localidades entre Alcanena e Fátima, com especial foco na Paróquia de Minde, pois somos catequistas no Covão do Coelho.



Investigámos as fontes, falámos com as pessoas mais idosas, verificámos a história das origens, pesquisámos em livros e jornais, encontramos graças, milagres e orações. Em suma, pretendemos transmitir aos mais novos as nossas raízes e demonstrar que a nossa fé está visível aos nossos olhos em cada recanto da nossa serra, das nossas igrejas, das nossas festas.

Temos a bênção de ter entre nós dois sacerdotes da Congregação do Verbo Divino, P. Sebastian Joseph, que escreveu o prefácio do livro, e o P. Charlie Bardaje, que pintou em aquarela a capa do mesmo, a quem agradecemos de coração.

O lançamento do livro teve lugar na *Casa da Memória*, em Minde, no dia 23 de julho. Esperamos que este caminho e este livro sejam uma ajuda para quem peregrinar e queira conhecer esta região. Que possa também inspirar outras comunidades na missão de evangelização e na catequese aos mais novos.

As autoras e catequistas: Rosa Neto e Inês Santos

MISSÃO POR CÁ

AGRUPAMENTO 754 ALMODÔVAR NO ACANAC 2022



Os Escuteiros do Agrupamento 754 Almodôvar participaram no 24º Acampamento Nacional – ACANAC 2022 –, de 1 a 7 de agosto, em Idanha-a-Nova, Castelo Branco. O ACANAC teve como Tema “Construtores do Amanhã”. O contingente de Almodôvar fez-se representar por 4 Chefes/Dirigentes, 11 Lobitos, 7 Exploradores e 6 Pioneiros.

Os nossos jovens viveram 7 dias memoráveis, junto de 18.500 Escuteiros, onde partilharam a mesma promessa, os mesmos valores escutistas, a mesma alegria/união e se sentiram enriquecidos para servirem e construírem um mundo melhor. Essa semana será recordada com saudade, pois cada um vivenciou a magia do Acanac 2022. Os Chefes do Agrupamento 754 estão gratos aos pais, por toda a confiança.

Estamos certos de que a participação das crianças e jovens foi notável, pois entregaram-se sem medos e encararam os desafios com alegria e o coração aberto ao próximo.

Gratos ao Município de Almodôvar, por todo o apoio que nos proporcionou para a participação dos nossos jovens e adultos, neste Acanac.

Bem-haja ao nosso Assistente, P. Jomy John, por acreditar em nós, nos ensinar que somos uma “Família Fraterna”, que criamos laços, memórias, vivências diferentes e somos unidos pelo mesmo Amor.

Dina Silva

FESTAS NO PRIOR VELHO

A paróquia de S. Pedro do Prior Velho organizou a festa em honra do padroeiro, de 1 a 3 de julho. Foi uma oportunidade de convívio e promoção do sentimento de pertença à comunidade. Contou com a colaboração da União de Freguesias de Sacavém e Prior Velho; mobilizou muitas pessoas no planeamento, organização e concretização da mesma; não faltou o contributo de vários comerciantes locais.

A nível da animação cultural teve a presença de Carla Carapeto nas duas noites de arraial, assim como a atuação de vários grupos da freguesia e ainda o Grupo de Danças e Cantares do Catujal.

A festa culminou no domingo com a missa campal, presidida por Dom Estanislau Chindecasse, bispo da diocese do Dundo, Angola, e concelebrada pelo pároco Andrzej Fecko. Participaram as duas comunidades pertencentes à Paróquia: Prior Velho e Terraços da Ponte. A celebração foi seguida de procissão, composta por três andores – São Pedro, Nossa Senhora de Fátima e Nossa Senhora da Nazaré – e acompanhada pela Fanfarrinha dos Bombeiros Voluntários de Camarate.

Pela primeira vez, o padroeiro saiu à rua no seu próprio andor, construído em forma de barca, oferta da carpintaria *Cozigomes Lda.* de Santiago dos Velhos.

Isabel Vilaça



DIA INESQUECÍVEL - LISBOA



O dia 6 de setembro de 2022 ficará gravado na memória e no coração do P. Daniel Mateque Mateus. De manhã, presidiu à Eucaristia no Seminário do Verbo Divino, em Lisboa. No final da sua breve homília pediu que rezassem por ele, para que possa “dar frutos no amor e na misericórdia de Deus”.

Ao terminar a celebração, despediu-se com três palavras: “obrigado, desculpem e estamos juntos, embora em lugares diferentes”.

Ao início da tarde, o aeroporto de Lisboa era testemunha do envio para o Brasil, seu destino missionário. A cidade de São Paulo e os missionários do Verbo Divino, que ali trabalham, esperavam-no de braços abertos.

Augusto Leite



INSTITUTO SÃO JOSÉ OPERÁRIO

A abertura dos seminários SVD em Portugal teve como propósito formar missionários “para as missões.” Esta proposta foi, desde muito cedo, dirigida aos vocacionados para a vida sacerdotal e também aos candidatos à vida religiosa laical, os “irmãos”, cuja mediação evangelizadora passava essencialmente pelo exercício de uma “tarefa profissional”, normalmente manual.

À “casa” de formação dos candidatos a irmãos chamou-se Instituto Profissional S. José Operário. A inauguração do instituto, realizada no dia 1 de maio de 1961, foi o início de um amplo projeto técnico-profissional. O imóvel foi praticamente levantado por gente da casa: irmãos, candidatos e alunos, auxiliados e orientados por profissionais mais experientes. No instituto ficaram instaladas várias oficinas: carpintaria, sapataria, alfaiataria, pintura, eletricidade, mecânica geral e uma oficina de encadernação. A década de 60 viu o grupo de candidatos subir moderadamente. Avançou-se com novos programas de valorização espiritual, profissional e escolar. Essa formação mais abrangente passou muito pelos padres Conrado Bacher SVD e Fernando Gross SVD, que harmonizaram bem a vertente espiritual e o aspeto técnico-profissional. Porém, a formação escolar sempre foi uma “prima” manca que viveu à custa das outras duas.

No início do ano letivo de 1965/66 começaram a sua formação 43 candidatos e no ano seguinte o número subiu para 58.

Em 1968 deu-se uma mudança no projeto pedagógico e curricular, mas os resultados foram tudo menos animadores. Dos primeiros candidatos a fazerem exames no Liceu Nacional de Leiria só um pequeno número conseguiu um resultado positivo. Seguiram-se anos de algum desconforto para quem tinha apostado nas vocações de consagração a irmão.

Felizmente, podemos reconhecer que todo aquele esforço também deu, em termos de responsabilização eclesial e missionária, visíveis frutos de empenho na tarefa evangelizadora da Igreja. •

António Lopes

XIII ENCONTRO NACIONAL VERBUM JOVEM SÃO TORCATO



“A juventude é um caminho, um percurso, um itinerário”, diz Armando Matteo. A Pastoral Juvenil e Vocacional do Verbo Divino e a Equipa da JMJ’23 do Vale de São Torcato dinamizam o XIII Encontro Nacional *Verbum Jovem*. O acontecimento terá lugar em São Torcato, Guimarães, nos dias 14, 15 e 16 de outubro de 2022. O tema é LEVANTA-TE! DIZ SIM...». Destina-se a jovens a partir dos 16 anos. O Encontro Nacional Verbum Jovem é uma iniciativa da Pastoral Juvenil e Vocacional do Verbo Divino para con-

gregar os jovens, com dinâmicas próprias, tais como: convívio, partilha, vivência em família de acolhimento, oração, reflexão, celebração da Eucaristia e envio.

Pastoral Juvenil e Vocacional do Verbo Divino e Equipa da JMJ’23 do Vale de São Torcato

UM PERMANENTE DESAFIO CHA

“Sereis minhas testemunhas” é o tema da Mensagem do Papa para o Dia Mundial das Missões. No contexto da celebração do outubro missionário, agradecemos ao P. Domingos Salgado de Sousa, natural de Gandarela, Guimarães, enviado para o Japão como missionário do Verbo Divino, a entrevista que nos concedeu. É uma oportunidade para nos aproximarmos da experiência deste homem, que tem viajado por diversas partes do mundo em congressos e conferências e que procura encarnar o Evangelho em terras do Japão, sobretudo a partir do mundo académico.

ENTREVISTA
ANTÓNIO LEITE



P. Domingos, quantos anos da tua vida no Japão?

Em maio passado completaram-se exatamente 30 anos desde a minha chegada ao Japão. Significa que já passei mais de metade da minha vida no Japão. O estudo e o trabalho têm sido tão absorventes que sinto terem passado pouco mais do que meia dúzia de anos.

Ainda te recordas dos primeiros tempos? Dificuldades da língua, adaptação?...

Como podia deixar de recordar! Os primeiros tempos deixam as impressões mais marcantes, que determinam o caminho do futuro. Percebi logo que o grande desafio era a aprendizagem da língua, à qual me dediquei de corpo e alma, desde o início. É uma língua difícil, mas fascinante, cuja aprendizagem nunca termina.

Com os anos e a experiência, foi amadurecendo o teu olhar sobre a Missão. Como olhas para a Missão do Verbo Divino, hoje, nesse país que te acolheu?

Com o passar dos anos, fui descobrindo que a missão no Japão não é essencialmente distinta da missão que cada cristão é chamado a realizar em qualquer parte do mundo. A missão do cristão é seguir os passos de Jesus e imitar os seus gestos. Uma das características do ministério de Jesus era a atenção que dava a quem sofria e padecia necessidade. O que preocupava Jesus eram os problemas concretos das pessoas, o problema da saúde e da comida, por exemplo. A Sua prioridade era responder a estas necessidades básicas e aliviar o sofrimento das pessoas. São estes gestos que devemos imitar na nossa missão. Nos pronunciamentos do Papa Francisco, encontramos uma metáfora que capta melhor que qualquer elaboração teórica, a missão que somos chamados a realizar. Ele convida-nos a ser uma “Igreja como hospital de campanha”. Isto é, ser uma Igreja em saída, que não fica confinada ao espaço sagrado do templo e das suas celebrações litúrgicas, mas que vai ao encontro de quem sofre. Este parece-me ser o desafio da missão, comum a todos os cristãos em qualquer parte do mundo. Porque em qualquer parte do mundo, há gente que sofre e padece necessidade. Na missão da Igreja, já se faz muito neste sentido. Mas pode-se fazer sempre mais e melhor. Assim entendo a missão e procuro dar a minha contribuição.

A missão no Japão tem as suas especificidades próprias. Mas alongar-me-ia demasiado para as poder expor.

Os caminhos que foste percorrendo foram essencialmente os da Universidade. Que dirias, de maneira geral, do estudante japonês?

Sim, grande parte do meu tempo gira em torno da atividade docente. Mas, desde sempre, a tenho compaginado com a atividade pastoral. Relativamente ao estudante japonês, não sei bem o que o distingue do estudante de outros países. Em todo o caso, não acho que seja muito diferente do que qualquer estudante português ou de outro país da Europa. O que diria é que, hoje em dia, as novas tecnologias de informação, ao mesmo tempo que oferecem novas ferramentas de aprendizagem, pela forma fácil e instantânea como se obtém a informação, levam a que se desvalorize a importância do esforço aturado e persistente. A informação telegráfica das redes sociais rouba aos jovens foco e capacidade de concentração. Avistar um jovem a caminhar grudado a um ecrã do telemóvel é, para mim, uma das cenas mais perturbantes do quotidiano. A aprendizagem sofre naturalmente com isso.

A missão do cristão é seguir os passos de Jesus e imitar os seus gestos.

Qual o contributo do ensino universitário para a Missão da Igreja no Japão?

Num país minoritariamente cristão, o ensino universitário oferece um importante campo de trabalho para darmos testemunho da nossa fé. Existe um considerável número de universidades católicas e cristãs pelas quais passam milhares de estudantes, que recebem a sua formação numa perspetiva humanista e de mundividência cristã. Junto às universidades, há um grande número de escolas primárias e secundárias, espalhadas por todo o país. Sem as instituições educativas, a atividade pastoral e missionária estaria praticamente confinada ao espaço da paróquia e direcionada à pequena minoria de cristãos.

Foste encontrando também pequenas comunidades com as quais aconteceu partilha de vida e fé. Que experiências mais marcantes?

Como referi há pouco, nas comunidades cristãs, onde dou assistência pastoral, o meu trabalho não se limita às celebrações litúrgicas. Tenho procurado sempre ir ao encontro dos problemas concretos das pessoas. Uma vez por semana, vou a um banco alimentar buscar alimentos para distribuir por pessoas que passam necessidade.



MADO JAPÃO

O que sobra é distribuído no final da missa dominical. Sinto-me sempre interpelado quando observo e troco semanalmente umas palavras com os voluntários, que diligentemente empacotam os alimentos para que cheguem a quem deles necessita. Ali, não há religião nem se fala de Deus, mas faz-se o que Deus quer que façamos. Que dirijamos o nosso olhar e atenção para quem padece carência. Quando o trabalho na universidade me permite, também participo na distribuição de refeições a moradores de rua. Uma atividade organizada pela diocese de Nagoya, apoiada por paróquias e congregações religiosas. Aí veem-se rostos, que perturbam e interpelam.

A importância simbólica do Japão é muito maior que o pequeno lugar que ocupa na história universal.

Fala-nos de alguma experiência mais marcante.

Uma das experiências mais marcantes do meu trabalho pastoral foi a adoção de uma criança japonesa por um casal estrangeiro. Chegaram ao Japão no mesmo ano que eu. Acompanhei-os na dificuldade de ter filhos. Depois de vários anos de tentativas infrutíferas de ter o filho que ardentemente desejavam, decidiram adotar. Ajudei-os em todo o processo complexo de adoção. A criança recém-nascida que lhes foi entregue por intermédio de uma instituição, veio a revelar uma doença genética rara e muito grave, diagnosticada poucos meses depois. Ficou a saber-se que a instituição havia intencionalmente ocultado ao casal, parte da informação médica da criança. Como estávamos na fase de convivência com a criança, e o processo de adoção não havia ainda sido concluído no tribunal, o marido e eu éramos da opinião que a criança devia ser entregue aos cuidados da instituição. A esposa opôs-se veementemente, dizendo que jamais se separaria desta criança. Concluí-se a adoção. Passaram já 22 anos. A mãe ainda não escutou do seu filho a palavra “mãe”, tal é a gravidade da sua deficiência mental. Contudo, nunca percebi no rosto desta mãe, esmorecimento ou arrependimento pela decisão que tomou. Compreendi que as verdadeiras mães são aquelas que geram primeiro os filhos no coração antes de os gerarem no ventre e que há mães que os geram no coração, sem os gerarem no ventre. Este é um caso, entre vários outros que poderia referir, do qual aprendi que é o serviço às pessoas que nos ensina a ser sacerdotes. Não são os livros de teologia. O Papa Francisco usa uma expressão muito sugestiva para indicar a proximidade que somos chamados a manter com as pessoas: “pastor com o cheiro das ovelhas”. Quem não estabelece proximidade e está em sintonia com os problemas concretos das pessoas, acaba por se tornar tudo menos pastor.

Hoje, a Igreja no Japão continua como pequena minoria. Como olhas para esta realidade?

Olho com muita naturalidade. Estar numa situação de minoria ajuda-nos a ser humildes. Levamos-nos a baixar dos pedestais de poder e privilégio. É um convite a sermos uma Igreja servidora, a ser fermento e a não pretender ser massa. Recordo-me das palavras de Fosco Maraini, um antropólogo e orientalista italiano. Ele dizia que o Japão foi para um ele um choque. No Japão, ele descobriu um país que alcançou a maturidade e o esplendor, seguindo outros caminhos que não devem praticamente nada às forças espirituais que modelaram o ocidente. Deparou-se com exemplos de coerência moral, de retidão e de maturidade espiritual, com frequência mais numerosos e impressionantes que em qualquer outro país. Segundo ele, a existência do Japão é um desafio para as concepções tidas como verdadeiras. A sua importância simbólica

é muito maior que o pequeno lugar que ocupa na história universal. E conclui, dizendo que se o Japão não existisse, seria necessário inventá-lo. Revejo-me inteiramente nesta impressão do Japão. Para um ocidental e um cristão, o Japão é um permanente desafio e interpelação, que nos faz perceber quão diversos e numerosos são os caminhos de Deus.

Com estes anos de presença em terras nipônicas, que dirias a um missionário que fosse enviado, hoje, para o Japão?

Diria que deve vir para ficar e se enraizar na cultura japonesa. Só podemos dar fruto se nos enraizarmos. Acrescentaria que não deve temer os grandes desafios. Porque são estes que nos fazem sentir a força de Deus. Ele nunca nos dá a força de antemão. Quando arriscamos e respondemos aos apelos do desconhecido, Deus está junto de nós, para nos amparar. •



A TEMPO E A DESTEMPO

O TEMPO É ESTE! PORQUE NÃO HÁ MAIS TEMPO

“A sabedoria é como um tronco de um embondeiro; uma pessoa sozinha não consegue abraçá-lo” e
“se queres ir depressa, vai sozinho; se queres chegar longe, vai em grupo”

Provérbios africanos



BERNARDINO SILVA
bernardino.silva@gmail.com

O mundo enfrenta uma combinação sem precedentes de desafios, que vão das alterações climáticas à persistência de conflitos e agravamento de tensões como a guerra na Ucrânia, passando pela pandemia de Covid-19. No entanto, o quadro que atravessamos e o processo de recuperação pós-pandemia oferecem-nos uma oportunidade única para construirmos sociedades mais sustentáveis, tendo como base a Agenda 2030.

Quando, a 25 de setembro de 2015, na Assembleia Geral das Nações Unidas, se lançaram os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030, o propósito foi acabar com a pobreza e lançar o mundo para um caminho de paz, prosperidade e oportunidades para todos, num planeta mais saudável. Mais ainda, estes objetivos descrevem de forma inequívoca, os maiores desafios a nível mundial: pobreza, fome, desigualdade e impactos ambientais.

Vivemos tempos decisivos para as pessoas, para a natureza e para a economia.

Vivemos tempos decisivos para as pessoas, para a natureza e para a economia. Os compromissos de todos

para reverter a perda de alimentos são urgentes e ditarão a transformação do atual paradigma agrícola. É preciso apostar, de maneira clara e séria, na agricultura e definir metas ambiciosas para a sua implementação. Darei como exemplo um projeto que está a ser implementado pela *Missão Amar(es)* e por Missionários, em Moçambique. A agricultura é fundamental para o desenvolvimento das comunidades onde estamos a desenvolver um projeto de agricultura sustentável, assim como planos e estratégias de formação para a agricultura e o meio rural. Esta iniciativa já apresenta reflexos muito positivos com a produção de batata e tomate, permitindo minimizar a situação alimentar das comunidades. Tudo teve início com a realização de um furo de água que, para além de num primeiro momento apoiar a

população, permitiu iniciar o processo agrícola. Como sabemos, a água é fundamental. Tendo apoios que nos permitam o acesso a esse bem tão precioso, tudo se torna mais fácil. O êxito obtido com as primeiras colheitas, permitiu que um maior número de pessoas se envolvesse com o seu conhecimento no tratamento da terra, dando oportunidade para cultivar outras variedades de sementeiras. Este projeto está a apoiar mais de 10 mil pessoas e conseguimos colocar água a uma distância de sete quilómetros para facilitar as suas vidas. Se queremos realmente contribuir para os ODS, temos de estar comprometidos seriamente com as populações através de projetos eficazes e sustentáveis, porque o tempo é este! Porque não há mais tempo. •

UJÖP DA OIES A LINGUAGEM DO AMOR

JOSÉ ANTUNES

“A linguagem do amor é a única que todos entendem”, dizia São José Freinademetz. Pude experimentar isto mesmo em Oies, sua terra natal, no passado dia 22 de julho. Nesse dia, estreava-se o espetáculo musical “Ujöp da Oies” sobre a

sua vida e missão. A iniciativa partiu da Banda de Música de Badia (Müjiga de Badia) e da Associação de Jovens de Val Badia (Sorvisc ai jogn Val Badia). O musical foi totalmente em ladino, a língua desta região da Itália.

Junto da casa natal do Santo de Oies, foram montados o palco e um anfiteatro com capacidade para acolher 600 espetadores. Carlo Suani, o autor do texto, inspirou-se não só na biografia de José Freinademetz, mas também nas cartas que, a partir da China, ele escrevia à sua família e amigos. O compositor, Antonio Rossi, foi capaz de traduzir através da música as alegrias e as dores de Freinademetz. Através da música, das canções e das várias cenas, o público ficou a conhecer melhor a sua vida e missão, desde a infância na sua terra, aos estudos no seminário de Bressanone e ao trabalho missionário na China. As canções originais deram um sabor novo à sua mensagem.

Todos os atores – crianças, jovens e adultos – eram naturais da região e desempenharam o seu papel de forma profissional. O facto de tudo ser em ladino revela o grande amor que este povo, desde as crianças aos idosos, tem pela sua língua. Aliás, o facto de todo o espetáculo ser na língua ladina não me impediu de compreender a história, pois através da música, das canções e do desenrolar das cenas facilmente se entrava no espírito do musical. Os músicos eram todos membros da Banda de Música de Badia. Esta banda tem já uma longa história e atuou na missa nova que o neo-sacerdote José Freinademetz celebrou na sua paróquia-natal, no dia 5 de agosto de 1875. Uma tuba, um dos instrumentos usados naquela ocasião, estava exposta à entrada do anfiteatro. Podemos dizer que é uma das relíquias do santo de Oies.

Numa das cenas do musical, José Freinademetz e um coro de crianças cantam uma canção intitulada “Le lingaz dl amur”, cujo refrão é uma das suas frases mais conhecidas: “A linguagem do amor é a única que todos entendem”. O diálogo entre José e o coro coloca em destaque o amor que tudo conforta e transforma: “Onde existe amor: cada boca é saciada. Quando há amor: cada lágrima é enxugada. Até quando houver amor: a esperança é alimentada. E porque existe o amor? Para que cada coisa seja renovada.”

Foi um privilégio e uma graça voltar a Oies, terra repleta de beleza natural, berço de um santo missionário, que tinha um coração cheio de bondade e que tudo deixou por amor a Deus e aos chineses. Estão de parabéns os autores, os músicos, os atores e os patrocinadores por esta bela iniciativa. •

Via dei Verbiti



A RESILIÊNCIA NA FÉ

BEATRIZ MENDES



Neste verão, decidi ir visitar Lisboa e, como sou cristã católica praticante, entrei em várias igrejas. Na igreja de São Domingos, deparei-me com uma senhora que me disse que eu não podia entrar na igreja com a camisola que estava a vestir. Respeitosamente, respondi-lhe que não tinha nenhum casaco com que me cobrir. Era um dia de calor. No instante seguinte, veio um senhor que, ouvindo a minha resposta, declarou com frieza: “Não tens? Então, como entraste por aqui, sais por ali”. Saí revoltada e as lágrimas começaram a correr e a banhar o meu rosto.

Interroguei-me por que razão alguém teria o direito de me colocar fora da casa do Senhor, da casa de todos nós, pois tal não seria justificável, mesmo que não “tivesse roupa digna”. Assim, o senhor e a senhora dirigiram-se à porta, apontando para uma vitrina, onde se podia ver um sinal de proibição relativamente ao uso do género de camisolas que eu estava a usar, mostrando que nada podiam fazer, que era regra, estavam aparentemente a cumprir ordens.

No entanto, o senhor, notando que realmente era minha vontade entrar, deu-me um lenço com o qual cobri os ombros. Assim, entrei e rezei. Em seguida, ao devolver o lenço que o senhor me tinha emprestado, pedi-lhe desculpa por toda aquela situação e despedi-me. Ele olhou para mim e colocou-me a mão na cabeça, substituindo agora a frieza pela compaixão, pela graça, ao entender a pureza da minha intenção. Colhi o sentido da presença fraterna do outro.

Refleti sobre o que sucedeu. A afirmação «como entraste por aqui, sais por ali» teve um impacto bastante negativo em mim. Tudo isso revelou o quão frágil é o ser humano, que facilmente se deixa levar pelas emoções. Deste modo, eu, bem como o senhor e a senhora, agimos humanamente, pois a perfeição cabe apenas a Deus. Cheguei à conclusão de que eu tinha sido submetida a uma prova de fé, atendendo a que esta experiência me levou a não mais querer entrar numa igreja, porque a via agora como instituição rígida, fria e pouco convidativa. Contudo, fui capaz de o superar, ao ver claramente que Deus não é a instituição e que não faria sentido deixar de entrar na casa do nosso Pai, porque os seres humanos erram. Hoje, entro normalmente na igreja; aliás, com mais amor lá entro, porque quem sai da igreja por causa das pessoas, não entra verdadeiramente por Deus. •



Foto: Beatriz Mendes

MISSÃO E VOCAÇÃO

BÍBLIA

JOAQUIM DOMINGOS LUÍS



UMA COMUNIDADE MISSIONÁRIA

Desde a partida de Jesus para o Pai, a comunidade cristã é a fiel depositária da salvação, manifestada de uma vez para sempre na vida, morte e ressurreição de Jesus de Nazaré. As pessoas são salvas pela fé, selada no batismo, começo de uma nova etapa no caminho do encontro com Deus. Os cristãos sentiam-se, assim, chamados a anunciar o caráter salvífico da vida, morte e ressurreição de Jesus “até aos confins da terra” (At 1,8).

Ao lermos o livro dos Atos, escrito por Lucas, descobrimos a profunda convicção dos primeiros cristãos de que o verdadeiro protagonista da missão é o Espírito. Isto tem consequências muito importantes para os missionários e para a missão. Assim:

1. Os anunciadores são, antes de tudo, testemunhas, “servos da Palavra” (At 6,4). A sua missão será dar testemunho do evangelho (At 20,24), pregar a conversão “em nome de Jesus Cristo” (At 2,38). Não se anunciam a si mesmos; não são proprietários da mensagem.
2. Estas testemunhas pertencem a comunidades concretas. Não vão por iniciativa própria, mas são enviadas por uma comunidade, com quem partilham as maravilhas que Deus fez por meio delas (At 13,1-3; 14,26-38).
3. As testemunhas são pessoas cheias do Espírito. Por exemplo, no caso de Estêvão, diz-se que “era um homem cheio de fé e do Espírito Santo” (At 6,5). Com expressões semelhantes a esta, Lucas indica que o

verdadeiro protagonista da missão é o Espírito, que atua nas testemunhas.

4. Uma última consequência é que a Palavra anunciada é Palavra do Espírito e não está sujeita aos caprichos do apóstolo, nem aos vaivéns da comunidade. Não se podem apropriar dela, nem a monopolizar, porque é Boa notícia dirigida ao mundo inteiro. Como Palavra do Espírito, nada nem ninguém a poderá fazer calar: nem as perseguições, nem o desaparecimento das testemunhas. A Palavra permanece por cima das dificuldades e das próprias testemunhas: não pode ser acorrentada (cf. 2Tm 2,9).

Resumindo: Os apóstolos e os evangelizadores são, antes de tudo, testemunhas (At 1,8; 2, 32; 3,15; 5,32, etc.). Não anunciam a sua própria palavra, mas dão testemunho da ressurreição de Jesus, proclamando o que viram e ouviram e aquilo que o Espírito Santo os movia a dizer. Estão conscientes de que a Palavra de Salvação que anunciam não lhes pertence. Guiados pelo Espírito Santo, trabalham para que esta Palavra, que é a Palavra do Espírito, se difunda até aos confins da terra.

Para reflexão

No livro de Atos aparecem muitas pessoas que são testemunhas do Ressuscitado. Recordas o nome de algumas dessas testemunhas e o que fizeram? Algumas foram mártires da fé. Quais? •

DUAS MULHERES

Quando nos vai batendo à porta o mês de outubro, mês missionário por excelência, gostaria de agradecer a todos os benfeitores, que fazem possível a concretização de projetos missionários em lugares, onde as necessidades gritam aos céus. Obrigado!

Neste mesmo espaço, gostaria ainda de prestar hoje homenagem a todas as pessoas que, ao longo das suas vidas, foram ajudando as missões e que, entretanto, já faleceram. Com o profundo respeito que me merecem todas essas vidas que, com a sua colaboração, foram contribuindo para que verdadeiros “milagres” tenham acontecido, apresentaria breve e simbolicamente duas mulheres. Uma do sul e outra do norte.



Maria Antónia Guerreiro Lança residia no concelho de Almodôvar e faleceu no dia 27 de julho 2022, aos 96 anos. Diz-nos a sua sobrinha Matilde que a tia “passava o tempo a rezar e o Terço era a sua companhia. Poucos dias antes da sua partida para a casa do Pai, recebeu a Santa Unção, já sem forças para falar. Quando percebeu que se encontrava junto dela o P. Pradeep, sorriu e os seus olhos iluminaram-se. Com poucas forças, conseguiu fazer o Sinal da Cruz e, pelos movimentos dos lábios, percebemos que rezou”.

Matilde acrescenta que a sua tia pedia que não houvesse flores quando morresse; apenas que rezassem pela sua alma. Atendendo ao seu pedido, a família decidiu fazer um donativo para apoiar as missões num dos projetos dos Missionários do Verbo Divino.

Esse donativo de várias centenas de euros foi recebido pelo Secretariado das Missões. Obrigado à senhora Maria Antónia e à sua família. Citando Madre Teresa de Calcutá, dizia a senhora Maria Antónia: “O que eu faço, é uma gota no meio de um oceano. Mas sem ela, o oceano será menor.”

Mais ao norte, em Cerzedelo, nas proximidades de Guimarães, vivia a Conceição Silva, conhecida como Sãozinha. Faleceu no dia 3 de setembro de 2022, aos 61 anos. No dia seguinte, a igreja de Cerzedelo, ainda que seja grande, foi pequena para tanta gente: uma assembleia com mais de mil pessoas na Eucaristia presidida pelo Pároco, P. José Marques e concelebrada por cerca de três dezenas de sacerdotes. “Sinais”, era a palavra do presidente da celebração.



Tal como dizia o P. Marques, “a Escola Bíblica – que este ano celebra 27 anos – foi fundada e acarinhada pela Sãozinha. Na catequese, a sua dedicação era profundamente reconhecida, tal como no cuidado a nível de liturgia, particularmente na preparação do Advento-Natal, Quaresma-Páscoa e todo o carinho posto no mês de maio, com uma dedicação e empenho de longa data, na Festa das Cruzes”.

O Pároco sublinhava ainda a participação no Centro Social e a sua “atenção a situações sociais que mereciam um olhar mais atento, para as quais procurava dar seguimento e saída. Junte-se a tudo isto, a dedicação e a cidadania que tantos lhe reconheceram nestes últimos dias”.

Permitam que partilhe uma das questões sobre as quais refletia no meio destas circunstâncias: E andamos nós a falar tanto do lugar da mulher na Igreja! Afinal, esse lugar está aí. Duas mulheres que, em contextos tão diversos, viveram uma vida de entrega à Missão. Pelo que me consta, não precisaram de andar com tantas coisas em relação a esse lugar! O melhor será mesmo, à maneira destas duas mulheres e nas situações particulares, entregar a vida e viver verdadeiramente a Missão que Deus nos confia. Deixemos que falem os sinais e a vida feita missão.

António Augusto Leite

Contacto svd RECOMENDA

EMÍLIA MOURA



Carlos Pinto convida-nos a viajar e a calçarmos os sapatos (ou as sandálias) de cada uma destas personagens:

Com a Samaritana... somos desafiados a percorrer a nossa história, para nos libertarmos do cântaro;

Com o ver de Zaqueu... fazemos a experiência do olhar essencial e do sentido da nossa vida;

Com o olhar de Cristo e o choro de Pedro... descobrimos quem somos, de quem somos e para quem somos;

Com o ser tocado e o tocar... sentimos a confiança que brota da intimidade de uma relação;

Com o ver da misericórdia... “Vai e faz”, fazemos a experiência de nos tornarmos oferta plena pela vida do outro;

Com Maria Madalena... corremos ao sepulcro, passamos pela dor do vazio, escutamos o nosso nome;

Com Zacarias... confiamos na promessa de Deus, fazendo um caminho interior de silêncio;

Com Moisés deixo que Deus me olhe... tomando consciência dos meus limites, refletindo sobre a minha vocação;

Com José sonhamos os sonhos de Deus... aprendendo que o encontro é missão, é acolhimento, é levantar, fugir e ficar;

Com o apressadamente de Maria... assimilamos o sair apressadamente, o escutar, o acreditar, o compromisso;

Com o Ver de Jesus... mergulhamos na PALAVRA e ficamos livres na “prisão” do seu Amor. •

OPINIÃO

BASTA-NOS O SUFICIENTE



JORGE FERNANDES
jfernandes1875@gmail.com

Num destes domingos de verão, a Liturgia da Igreja trazia-nos a parábola de um homem que tinha tido uma colheita abundante. E pôs-se a pensar: “Que vou fazer com tantos bens?” E chegou à conclusão: “Nada melhor do que deitar abaixo os meus velhos celeiros, construir armazéns novos e dizer a mim próprio: Agora trata de gozar a vida, pois tens bens para muitos anos”. A parábola continua, pois Deus, na noite seguinte, revela-se a esse pobre diabo, anuncia-lhe a morte e pergunta-lhe: “E, agora, amigo, que vais fazer com aquilo que te custou tanto trabalho?” Claro que este rico proprietário tinha alternativas. Se era rico e os campos produziram grande quantidade de alimentos, ele poderia ter pensado nos trabalhadores que lhe lavravam e semeavam as terras. Ou também nos escravos que, a troca de um pedaço de pão, cuidavam da sua casa e do seu bem-estar. Em lugar de se meter em despesas a construir novos celeiros, poderia ter ganhado a simpatia

e a boa colaboração de quantos trabalharam para ele. Mas nada disso aconteceu: a este rico proprietário não ocorreu a ideia de viver com o suficiente e distribuir o excesso pelos seus colaboradores.

A idolatria da riqueza torna-nos insaciáveis.

Vem isto a propósito daquilo que todos os dias nos entra pelos olhos e está a afetar a nossa vida: a inflação próxima dos dois dígitos, a guerra no Leste da Europa, a dependência energética, os preços dos bens essenciais a subir de forma escandalosa. Tudo isto deveria levar-nos a construir aquilo que alguém chamou a racionalidade do suficiente. Há quase 10 anos, o Papa Bento XVI, na mensagem para o Dia Mundial da Paz, alertava para a necessidade de se repensar a economia e chegar “a um novo modelo de desenvolvimento”. Tal modelo não pode apoiar-se no desejo incontrolável de termos sempre mais. A ânsia egoísta do lucro entra em conflito com os valores do evangelho. Não é a riqueza que é um mal, mas a escravidão à mesma. No Pai-Nosso Jesus ensina-nos a pedir o pão de cada dia. Isto significa: aquilo que é suficiente para viver com dignidade.

A ambição de ter cada vez mais e a loucura de construir armazéns mais amplos desumaniza-nos e impede-

-nos de ver quem está ao nosso lado e corre todos os dias para o banco alimentar. Perante um Deus que se fez Homem e partilhou a sorte dos pobres, o amor à riqueza afasta-nos dos nossos semelhantes, endurece o coração, torna-nos insensíveis às necessidades de quem vive ao nosso lado. No Evangelho, Jesus é claro: “Não podeis servir a Deus e ao Dinheiro” (Lc 16,13). O esquecimento desta verdade levou à cultura do mérito: Tem direito ao pão e ao bem-estar, quem trabalha. E os que não podem trabalhar, os doentes, os pouco inteligentes? São os “descartados”, de que não se cansa de falar o Papa Francisco.

Esta idolatria da riqueza torna-nos insaciáveis. Como o rico proprietário da parábola com que iniciei esta reflexão: querer sempre mais, impedem-nos de viver com o suficiente. A ânsia de ter sempre mais arrasta consigo uma insatisfação sempre crescente. Impede a pessoa de agradecer o que tem e valorizar as coisas na sua justa medida. O Papa Francisco recorda-o na *Laudato Si*, n. 222: “A acumulação constante... distrai o coração e impede-nos de valorizar cada coisa e cada momento”. Não estará a presente situação política e económica a exigir-nos uma reconversão dos nossos hábitos de vida e a pedir-nos redobrada atenção a quem fica caído à berma do caminho? •

O BERÇO DA CEGONHA



DOMINGOS SOUSA
d.sousa1@hotmail.com

Em Kumamoto, cidade no sul do Japão, encontra-se o hospital universitário *Jikei*, fundado por uma congregação religiosa feminina. Em 2007, tomando como modelo um programa difundido na Alemanha, foi criado um postigo designado por “o berço da cegonha”. Quem abre, por fora, a porta do postigo, encontra um berço devidamente preparado, que tem por finalidade resgatar crianças indesejadas. Está sempre alguém pendente do som do alarme, que se ativa automaticamente quando alguém lá ocorre. Este é o único lugar no Japão onde uma criança pode ser entregue aos cuidados de outrem de forma anónima. Se bem que o caráter anónimo da entrega de crianças tenha sido frequentemente objeto de crítica, com a colaboração dos assistentes sociais, consegue-se determinar mais tarde a identidade familiar de cerca de 80 % das crianças.

Nos 15 anos de existência do programa, já foram deixadas no “berço

da cegonha” 161 crianças, umas recém-nascidas, outras mais crescidas. Recentemente um jovem, que em criança lá havia sido deixado, deu a conhecer a sua história num artigo de jornal. Atualmente com 18 anos, terá sido uma das primeiras crianças resgatadas. Supõe-se que já devia ter 2 ou 3 anos. Pouco depois de ser encontrado no “berço da cegonha,” foi entregue a uma família de acolhimento de uma região rural de Kumamoto. Embora já tivesse 5 filhos biológicos e acolhido mais de 30 crianças, não hesitou em acolher o pequeno Miyatsu. A senhora de 65 anos recorda esse dia: “senti que um anjo nos foi enviado”. Esta família de acolhimento apoia grandemente o programa do hospital *Jikei*. Sabe bem pela sua experiência de acolhimento quão grande é o sofrimento de crianças de famílias desfeitas, arrastadas para a delinquência ou nascidas de gravidezes indesejadas.

“A vida depois de passar pelo berço da cegonha é muito mais importante”.

Este jovem ainda guarda consigo a roupa que vestia e o par de sapatilhas brancas que calçava quando foi deixado no “berço da cegonha”. Diz que nestes objetos pessoais, encontra um tesouro que encerra as impressões e recordações da mais tenra idade da

sua infância. Mais tarde, veio a saber das suas origens familiares e a obter informação da sua mãe biológica. Soube que a sua mãe havia falecido num acidente de viação, cinco meses depois de ter nascido. Na foto que guarda da mãe, com o cabelo encaçacolado como o seu, ele sente que “ela o acompanha e guia do céu”. E acrescenta que lhe diz: “tornei-me um jovem de 18 anos e quero viver a vida que te foi encurtada pela morte”. No artigo do jornal aparece uma foto dele com uma grande panela elétrica de arroz. Diz que todos os meses ajuda a servir refeições a crianças de famílias desfavorecidas numa igreja local. No futuro, quer trabalhar com crianças e, se possível, constituir uma família de acolhimento. Ele espera que, ao tornar pública a sua história, encoraje outros jovens, que passaram por experiências semelhantes, a fazerem o mesmo. E conclui, reiterando que a sua identidade não se define pelos primeiros anos da sua vida. “A vida, depois de passar pelo berço da cegonha, é muito mais importante”.

É reconfortante ler uma história comovente como esta, entre as notícias trágicas de guerras e conflitos, que hoje em dia preenchem uma boa parte das páginas dos jornais; perceber o poder do amor e o do acolhimento a transformar as adversidades e infertunios da vida em serviço e dedicação a favor dos outros. •

QUE É FEITO DE TI

VIRGÍLIO DOMINGOS
DOS SANTOS

(vdsfundao@gmail.com)



Nasci em Alvoco da Serra, concelho de Seia. Sou o filho mais velho de sete que, desde muito cedo, ficou reduzido a cinco. Desde sempre os meus pais me orientaram para uma entrada num seminário, quer por convicção religiosa, quer por seguir uma tradição familiar, seguindo as pisadas de alguns primos meus (António Inácio, António de Brito e Fernando de Brito) que já haviam ingressado no Verbo Divino.

Chegou, finalmente, o dia. A 29 de setembro de 1958 – dia de S. Miguel e feira no Tortosendo – o meu pai “entregou-me” no seminário do Verbo Divino, no Tortosendo, onde fomos recebidos pelo Pe. Paulo. E ali fiquei. Completados os dois primeiros anos, rumei a Fátima, tendo saído no final do 3.º ano, em 1961. A minha passagem pelo Verbo Divino, embora curta, veio a marcar toda a minha vida futura. Os valores que ali me foram transmitidos, foram o farol que nortearam o meu caminho.

Depois da saída, regresssei a casa dos meus pais que, entretanto, se haviam mudado para a Guarda e continuei a estudar no Colégio de S. José e no Liceu Nacional. Aos 18 anos ingressei nas Finanças onde fiz toda a minha carreira profissional.

Casei no Fundão com a Maria da Luz e do nosso enlace nasceu a Isabel Maria. Veio a tropa e uma comissão na Guiné.

Já mais tarde, como trabalhador-estudante, passei pela UBI – Universidade da Beira Interior, e pela Universidade Clássica de Lisboa, onde me licenciiei, em Sociologia e Direito, respetivamente.

Terminada a minha carreira profissional nas Finanças, tenho mantido uma atividade como advogado no Fundão, que estou, paulatinamente, a abandonar. A idade começa a pesar.

Conservo uma relação de proximidade e amizade com alguns dos meus colegas de seminário que sempre procuramos conviver no *Encontro de outubro* (último fim de semana), no Tortosendo. E lá nos iremos encontrar novamente este ano, no dia 29, depois do interregno da pandemia. Um abraço e até lá. •

OLHARES

PROCESSO SINODAL EM CONTINENTES E RITMOS DIFERENTES

Publicação MissãoPress

Argentina, Polónia, Sudão do Sul e Índia são algumas das janelas que nos permitem vislumbrar o processo sinodal a acontecer. Se a temperatura é bem diferente nos diversos lugares, assim parece ser o caminho sinodal.

Neste número, apresentamos alguns sinais do que está a acontecer na Argentina. As outras apresentações irão aparecendo oportunamente.

RENOVADO ENCONTRO COM JESUS CRISTO

No contexto do processo sinodal, D. Cesar Daniel Fernández, bispo da diocese de Jujuy (Província do norte da Argentina) deu a conhecer uma carta enviada pelo Papa sobre a abertura do Sínodo, inaugurado em Roma. Com este passo, apresentava-se o convite aos fiéis, paróquias, comunidades de consagrados e consagradas, associações laicais para que se integrassem com generosidade neste caminho sinodal como Igreja diocesana.

Julia Fernández, catequista da Capela Nossa Senhora do Rosário (localidade de León) diz que, ao receber o primeiro documento que a paróquia de Tumbaya lhe entregara, reuniu-se com Carmen Díaz e Nora Gramajo para estudar o texto, afirmando que, ao princípio, os conteúdos lhe pareciam quase incompreensíveis.

Ao ler outros documentos sobre o mesmo assunto, a interpelação ia ganhando força. Foi assim que começaram a pensar em propostas a apresentar, para que outras pessoas aderissem a este processo sinodal.

Com este intuito, convocaram as instituições locais e pessoas em particular. A missão não foi nada fácil. A disponibilidade para responder aos questionários nem sempre foi a mais desejada.

Identificadas as necessidades das comunidades, agravadas pela pandemia, foram organizadas algumas atividades solicitadas por adultos e jovens, tais como encontros para a partilha da leitura da bíblia, conhecimento de documentos e alguns retiros.

Contudo, as questões continuavam a habitar o coração de Carmen: sendo esta a casa de todos, por que motivo não estão aqui? Sem a presença das pessoas, a comunidade não existe. Urge que participemos.

Julia comenta que a leitura do documento com os desafios pastorais apresentados na assembleia eclesial da América Latina e Caribe, levou-as a descobrir que há muitos desafios idênticos a nível continental.

Neste processo sinodal, entre dificuldades e alegrias, sente-se que a voz do Espírito se faz sentir no diálogo e no discernimento, apontando para novos horizontes que trazem em si nova esperança eclesial. É nesse sentido que surge a necessidade de trabalharmos por um renovado encontro com Jesus Cristo, encarnado na realidade do continente latino-americano.

O Espírito Santo continua a chamar e só Ele poderá ser realmente o motor do processo sinodal. •

Liliana Valdez Barrios



MISSAS PELOS BENFEITORES

Nos inícios de cada mês será celebrada uma Santa Missa pela alma dos benfeitores falecidos e uma outra pelas intenções dos benfeitores vivos.

COLABORE COM A MISSÃO



Pode colaborar com a Missão, enviando pedidos de intenções de Missas e trintários gregorianos. Desta maneira, está a contribuir para a subsistência dos missionários. Bem-haja!

Secretariado Missionário do Verbo Divino
Rotunda dos Peregrinos, 101
2495-412 Fátima
☎ 249 534 116 - 960 460 921
@ proc.missoes.fatima@verbodivino.pt

AMAZÓNIA MINHA

O BRASIL HOJE

O Brasil encontra-se em campanha eleitoral. Alguns candidatos falam deste momento como uma luta do bem contra o mal. Está evidente que o bem está do lado de quem faz esta afirmação e o mal encontra-se do outro lado das trincheiras. Ao fazer esta classificação, o “lado do bem” vê a disputa eleitoral como uma batalha, onde o que importa é acabar com o inimigo, liquidar cada um que represente uma ameaça ao projeto de poder.

Bolsonaro, num encontro com evangélicos, comunicou que a disputa eleitoral deste ano de 2022 seria uma luta do bem contra o mal, falando a linguagem deste grupo e tentando pautar a disputa eleitoral, não no campo político, mas no campo da moral e dos costumes, perante um público tremendamente conservador:

“Temos uma posição aqui: somos contra o aborto, contra a ideologia de gênero, contra a liberação das drogas e somos defensores da família brasileira... Somos a maioria do país, a maioria do bem e, nessa guerra do bem contra o mal, o bem vencerá outra vez.»

Não é por acaso esta linguagem do certo e errado, de aniquilação do mal. Infelizmente, a religião segue pautando a disputa eleitoral num país, onde os evangélicos têm cada vez mais influência e exigem dos políticos uma pauta de costumes à imagem da América do Norte, em detrimento de um projeto político de justiça social e construção de uma sociedade do bem viver.

Esta realidade que vivemos no Brasil e nos levará às eleições de outubro de 2022, me leva a perguntar: afinal, o que é a política?

O Papa Pio XI afirmou que a Política é a forma mais perfeita da caridade. A mesma expressão foi repetida por Paulo VI e, mais recentemente, pelo Papa Francisco, que repetiu esta ideia no Dia Mundial da Paz de 2019, dizendo: “A política é um meio fundamental para construir a cidadania e as obras do homem, mas, quando aqueles que a exercem não a vivem como serviço à coletividade humana, pode tornar-se instrumento de opressão, marginalização e até destruição... Se for implementada no respeito fundamental pela vida, a liberdade e a dignidade das pessoas, a política pode tornar-se verdadeiramente, uma forma eminente de caridade.”

Seguindo a doutrina social da Igreja, proposta pelos papas, diremos que a luta que o Brasil necessita é contra a fome, a pobreza, a discriminação, a exclusão de milhões de brasileiros em condições sub-humanas. Não é com subsídios eleitorais, dados em plena campanha eleitoral, que se resolvem os problemas do Brasil. É inconcebível que no Brasil, um dos maiores produtores de alimentos do mundo, mais de 100 milhões de pessoas vivam em insegurança alimentar e 35 milhões passem fome.

O combate à fome é uma luta de todos. E os eleitos em outubro terão a difícil tarefa de direcionar o Brasil para ações emergenciais que possam servir de alento aos 33 milhões de brasileiros que passam fome neste momento. Esta é a pauta emergencial. •



GUIÃO MISSIONÁRIO 2022/23

Poderá encontrá-lo:
Nas paróquias,
Secretariados Missionários Diocesanos,
Institutos Missionários,
Obras Missionárias Pontifícias.

MISSÃO POR LÁ

DAMIÃO LELO, COORDENADOR DE MISSÃO POR LÁ

ECOS DA MISSÃO – AMAZÓNIA

A paróquia de Santo António de Alenquer, no Oeste do Pará, tem atualmente 145 comunidades cristãs, sendo 20 delas urbanas. As 125 rurais estendem-se pelos rios, lagos e terra firme. As atividades pastorais obedecem a três cronogramas: o da diocese de Óbidos, o dos Missionários do Verbo Divino e o da própria paróquia.

Depois da vivência religiosa da festividade de Santo António, padroeiro, de São Pedro e de São João Batista durante o mês de junho, a paróquia ofereceu, no mês de julho, quatro semanas de formação, onde se aposta na Bíblia, Liturgia, Iniciação à Vida Cristã na Catequese, Pastoral Familiar, Pastoral da Juventude, Pastoral da Educação, Pastoral Ecológica, Espiritualidade. Nestes encontros formativos, participam centenas de leigos, muitos deles jovens.



No decorrer destes encontros, a paróquia acolheu os estudantes da faculdade de Santo Arnaldo Janssen, de Belo Horizonte, Minas Gerais. Eles trouxeram propostas de formação para os paroquianos sobre direitos previdenciários e familiares, psicologia, veterinária, odontologia e gestão financeira. Os Missionários do Verbo Divino também deram apoio, a nível formativo e de acompanhamento espiritual.

SER TESTEMUNHA DE CRISTO

BRASIL

Agosto foi o mês vocacional. A propósito deste tempo propício, reavivámos o ardor vocacional para continuar a cuidar do dom da vocação e a lançar a semente vocacional no “campo” da vida dos batizados, sobretudo os jovens, através de encontros de oração e formação, de forma a instigá-los a descobrir, a assumir e a responder ao chamamento de Deus. A 13 de agosto, na paróquia de Nossa Senhor de Fátima, em Santana, realizámos o encontro e a oração vocacional com os jovens que teve como tema «Vi o Senhor» (Jo 20,18), onde partilhámos e refletimos sobre o Cristo Ressuscitado, que quer cristãos e mensageiros vivos. A experiência autêntica com Ele enche o coração que nos leva a ser testemunhas de Cristo, que nos movimenta para trilhar o caminho vocacional e fazer crescer a missão de Deus no mundo.



Colaboradores

Alda Célia Sena da Silva / Amazónia; Liliana Barrios / Argentina; Marselina Frederika Bule Owa / Brasil; Inosensius Nahak / Indonésia.

SANTIDADE NA POLÍTICA – ARGENTINA



Enquanto o povo de Jujuy – norte da Argentina – se alegra com a beatificação de Pedro Ortiz de Zárate, um dos 21 mártires do Zenta – Província de Salta – a comunidade educativa do Colégio Sta. Teresita organizou uma jornada de reflexão sobre a vida deste homem que, depois de constituir família e ter ficado viúvo, se consagrou a Deus e procurou difundir a devoção a Nossa Senhora de Rio Blanco y Paypaya.

Aos 22 anos, Pedro Zárate foi eleito Presidente do Município de Jujuy. Esta dimensão da sua vida fez com que Walter Burgos tenha elaborado um projeto para que o Governo da Província declare o primeiro Beato de Jujuy padroeiro dos políticos. Como base da proposta está a opção pelos marginalizados, a honestidade e a importância do diálogo para a solução dos conflitos que marcou a vida de Pedro Zárate como Presidente do Município.

EDUCAÇÃO DA ECONOMIA CRIATIVA

INDONÉSIA

A Comunicação Social da diocese de Atambua, Timor-Indonésia, proporcionou aos 38 superiores dos institutos missionários um encontro de formação, sob o lema «educação da economia criativa». Esta formação, enquadrando-se na semana de exposição, teve como objetivo empoderar, preparar, orientar para desenvolver e implementar a economia criativa na vida quotidiana do povo. Para além desta finalidade principal, o encontro de formação foi também um momento favorável para criar laços de amizade e comunhão fraterna, redes de coordenação e programação: ler juntos os sinais da pobreza que assola a vida do povo, caminhar juntos no serviço do povo de Deus na Igreja local. O encontro formativo realizou-se no salão Emaús, em Lalian Tolu, no dia 31 de agosto.

